

OPERAÇÕES E PARADIGMAS GENOLEXICAIS DO PORTUGUÊS*

Graça Maria Rio-Torto**

RESUMO: Partindo da distinção entre processos e regras de formação de palavras, caracterizam-se os processos genolexicais que o português europeu convoca e inventariam-se e descrevem-se algumas das mais significativas regras derivacionais desta língua.

Palavras-chave: formação de palavras, léxico, lexicologia, morfologia, português europeu.

INTRODUÇÃO

Como domínio que envolve todas as componentes da língua – desde a componente fonológica, à morfológica, à lexical, à semântica e à sintática –, a formação de palavras apresenta-se como um domínio de acentuada complexidade, decorrente não apenas das variáveis com que opera mas também da capacidade gerativa por que se define, e que a designação de “sector/componente genolexical” sublinha.

O conhecimento do sistema de formação de palavras numa língua requer um sólido levantamento dos recursos e dos mecanismos genolexicais, ainda por levar a cabo no âmbito do português europeu. Trata-se dum domínio em relação ao qual apenas dispomos de análi-

* O presente texto representa uma visão reformulada e actualizada da que foi apresentada ao Simpósio “Lexicologia, lexicografia e terminologia”. UNESP – Campus de Araraquara, 25-27 de Outubro de 1994.

** Universidade de Coimbra.

ses sectoriais e avulsas, sendo por isso necessário proceder a uma abordagem sistemática e fundamentada num modelo teórico coerente e adequado à língua em causa.

A análise do sector genolexical que aqui nos propomos empreender assenta numa distinção incontornável, nem sempre tomada em consideração: a que contrapõe processos a regras de construção de palavras. Ainda que não raro tratados como indistintos ou tão somente ignorados¹, os conceitos de processo e de regra de formação de palavras não se recobrem nem se confundem, antes se interseccionam e se complementam.

Consideraremos portanto que o sistema de formação de palavras duma língua convoca e activa um conjunto de procedimentos/operações formais de natureza morfo-léxico-semântico-sintáctica mediante os quais, a partir de determinado número de elementos de base, se constroem outros destes decorrentes. Esses procedimentos necessariamente actuantes em cada sistema genolexical e muitos dos quais comuns a diversas línguas, são os *processos* de produção lexical. Trata-se de operações que atravessam horizontalmente diversos sistemas genolexicais – cada língua activa apenas um conjunto limitado de operações possíveis –, que asseguram, aos níveis fonológico, morfológico, sintáctico e semântico, a combinatória entre base e afixo (ou entre base e base, consoante os casos), e as mudanças entre ambo/ as operadas de forma a dar origem a uma nova unidade lexical.

Em torno de cada relação paradigmática de natureza semântico-categorial e dos afixos e/ou das bases que nela operam emerge aquilo que designamos por *regra de formação de palavras*. Porque assentam

¹ Recorde-se que em regra as gramáticas tradicionais fazem apenas referência aos processos de formação de palavras de tipo aditivo, sejam a derivação ou a composição, omitindo geralmente os processos de tipo supressivo ou truncatório, e que trabalhos de referência tão emblemáticos quanto os de Morris Halle (1973) (*Prolegomena to a theory of word-formation. Linguistic Inquiry*, 4, n. 1, p. 3-16) e de Mark Aronoff (1976) (*Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, third printing, 1985) apenas se debruçam sobre as regras de formação de palavras, não estabelecendo qualquer conexão com os processos nos quais elas se escudam.

numa organização paradigmática, que envolve igualmente uma dimensão morfo-léxico-semântico-sintáctica, as regras de formação são frequentemente identificadas como *paradigmas genolexicais*.

Assim, para além dos tipos de processos ou de operações que actuam no âmbito de uma regra de formação de palavras, esta trabalha ainda com um determinado número de recursos afixais a ela sistemicamente associados, e com as bases lexicais sobre as quais actua. Os produtos gerados por cada regra de formação de palavras devem, à saída desta, e para que seja possível a sua inserção lexical, ser caracterizados fonologicamente, morfologicamente, sintacticamente e semanticamente.

Para cada regra de formação de palavras importa, pois, definir qual a natureza das operações genolexicais por cada uma consentidas, quais os processos morfo-lexicais que nela podem concorrer, qual a relação semântico-categorial que a ela preside, e quais as bases e os afixos por ela convocados.

Os processos de formação de palavras que operam nos diversos sistemas lingüísticos estão hoje relativamente bem caracterizados; menos analisados têm sido, porém, quer os paradigmas que dão corpo ao sistema de formação de palavras de cada língua específica quer as manifestações que a articulação entre processos e paradigmas assume na língua portuguesa.

Numa primeira fase (1) propomo-nos passar em revista as modalidades que os processos de formação de palavras assumem na nossa língua. Numa segunda fase (2) equacionar-se-ão alguns dos aspectos de natureza teórica e metodológica que o tratamento dos mecanismos de produção lexical do português comporta. Analisar-se-á nomeadamente qual a natureza das operações semântico-derivacionais que presidem ao sistema de formação de palavras duma língua e que critérios adoptar para identificar os diferentes níveis de significação presentes em cada produto derivacional. Na terceira parte (3) debruçar-nos-emos sobre a análise concreta dos paradigmas derivacionais do português, na sua variante europeia.

1. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

A caracterização dos principais tipos de *processos* de formação de palavras assenta numa tipologia que contempla essencialmente três grandes tipos de operações (Anderson, 1985): as operações aditivas, as operações subtractivas ou redutivas e as operações modificativas.

Cada um destes grandes tipos pode compreender diversas modalidades:

- *operações de adição*: por afixação (prefixação, sufixação, circunfixação e infixação), por reduplicação e por composição;
- *operações de subtracção*: supressão, redução ou abreviação;
- *operações de modificação*: apofonia, metátese;

Dos tipos mencionados, os mais produtivos são, em português, os que assentam em operações de *adição* ou de *concatenação* e, dentro destes, a afixação e a composição. As operações de *modificação* não têm expressão no sistema derivacional do português. Os que assentam em *operações de redução* podem assumir diferentes modalidades, envolvendo a supressão de segmentos finais, iniciais ou mediais, e podem manifestar-se de forma mais ou menos regular ou aleatória. No panorama genolexical do português europeu os processos redutivos são claramente menos significativos que os aditivos.

Porque a secção 3 será consagrada à análise das manifestações da afixação em português, limitamo-nos agora a tecer algumas considerações gerais sobre os processos aditivos.

1.1 Processos aditivos

No âmbito dos processos aditivos podem-se incluir a afixação, a reduplicação e a composição.

A *afixação* consiste na adjunção dum afixo a uma base, e pode assumir as modalidades de prefixação, sufixação, circunfixação e infixação.

A *composição* consiste na concatenação de pelo menos duas bases, cada uma das quais pode ser [\pm autónoma].

A *reduplicação* manifesta-se fundamentalmente em registos expressivos, na linguagem infantil (*dóidói, pópó, papá, pépé, tau-tau*), na linguagem familiar (*titi, vóvó*), e em vocábulos onomatopaicos (*miau-miau, piu-piu*). Alguns produtos formados por este processo encontram-se já lexicalizados (*bombom*), ou em vias disso.

Contrariamente à derivação, que implica a existência de uma só base e de um afixo, a *composição* distingue-se pelo facto de envolver pelo menos duas bases, autónomas ou não, cada uma das quais é suposta ter capacidade referencial. O composto é, assim, uma unidade lexical constituída por duas unidades lexicais dotadas de poder referencial.

O estudo da composição envolve muitos e complexos problemas. Um deles é, desde logo, o de saber até que ponto a composição se subsume numa operação de adição, reconhecido que é que o produto final está longe de ser ou sequer de reflectir a mera conjunção das partes constituintes. Relacionada com esta está a questão de saber até que ponto os compostos são objectos morfológicos ou objectos (morfo-)sintácticos, que representam formas compactadas de proposições, ou seja, produtos que correspondem a uma antiga unidade sintáctica, entretanto cristalizada.

Um outro problema também em aberto é o que consiste em delimitar as fronteiras entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas e, em íntima relação com estes, o da distinção entre constituinte afixal e constituinte composital. Os critérios mais insistentemente avançados assentam no poder referencial dos constituintes, mas não estão isentos de dificuldades, como facilmente se constata através de numerosos exemplos.

Uma forma expedita de ultrapassar a eterna questão das fronteiras entre prefixação e composição, sobretudo quando estão em causa produtos lexicais de clara inspiração greco-latina, consiste em considerar os temas ou radicais greco-latinos como bases prefixais (*anfi-, extra-*

, *inter-*, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfi-teatro*, *extra-programa*, *inter-cidades*, *mono-motor*, *multi-uso*, *poli-grupo*) ou sufixais (*-ífic-*, *-ífer-*, *-duct-* em *calor-ífico*, *frut-ífero*, *oleo-ducto*), consoante figuram à esquerda ou à direita, no produto acabado. Todavia, persiste o problema de saber se é legítimo limitar o conceito de base prefixal aos segmentos com mais de uma sílaba, ou se também é possível estendê-lo aos monossilábicos.

A *afixação* manifesta-se em português por *prefixação* (anteposição de prefixo), por *sufixação* (postposição de sufixo) e por *circunfixação* (aposição de um afixo descontínuo ou circun(a)fixo).

Em português não se regista formação de palavras por *infixação*, entendida como intercalação de um afixo no interior da estrutura de base. Aquando da seqüência de dois afixos trata-se de recursividade isofuncional (*casotita*; *livretezinho*; *maletazinha*; *sacolitas*) ou de sucessividade heterofuncional (*aldrabãozinho*; *familiarização*; *favoritismo*; *roseiral*), pressupondo-se portanto a sucessão de pelo menos duas operações derivacionais consecutivas.

A *circunfixação*, a que tradicionalmente se dá o nome de parassíntese, só ocorre na formação de verbos denominais ou deadjectivais, que apresentam estruturas do

tipo (X representa a base):

- es X ear (*estontear*, *esverdear*)
- es X ejar (*esbravejar*)
- a X ecer (*amadurecer*, *apodrecer*, *amanhecer*, *anoitecer*)
- en X ecer (*enraivecer*, *entardecer*, *endoidecer*, *ensurdecer*)
- es X ecer (*esclarecer*)
- a X izar (*aterrorizar*, *atemorizar*)
- en X izar (*encolerizar*).

Dos circunfixos mencionados, os mais disponíveis no português europeu são os dois últimos. Para uma fundamentação circunstancia-

da da consideração destes verbos derivados por circunfixação ver Rio-Torto (1994 a).

1.2 Processos redutivos, subtractivos, supressivos e abreviativos

Os processos que assentam em *operações de redução* podem envolver a supressão de segmentos mediais ou de segmentos finais, a intersecção supressiva de vários segmentos mediais, podendo por isso manifestar-se de forma mais ou menos regular ou aleatória. Redução ocorre também aquando da abreviação e aquando da siglação. Como em outras áreas, também nesta não são unívocas as designações usadas; por isso algumas delas (especialmente a abreviação e a siglação) nem sempre aparecem incluídas no âmbito dos processos em apreço.

Não vamos alongar-nos sobre as manifestações deste tipo de operações do português, a fim de podermos debruçar-nos mais circunstanciadamente sobre os processos que envolvem a afixação. Em todo o caso, cumpre tecer algumas breves considerações sobre as manifestações que as operações de redução/supressão assumem no português.

Menos representados que os processos aditivos, os *processos subtractivos ou redutivos* ocorrem essencialmente em duas circunstâncias, marcadas por graus de paradigmaticidade diversos, e manifestam-se pela:

(i) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer uma das bases em presença. Todavia, freqüentemente são os constituintes com poder predicativo, o mais das vezes situados à esquerda, que se apresentam com uma configuração reduzida, abreviada, simplificada. Um procedimento deste género, que é marcado por um baixo grau de paradigmaticidade, ocorre, aquando da formação de produtos do tipo *aero-transportado* (compactação de 'brigada transportada por meios aéreos'), *ecotaxa* ('taxa ecológica'), *televoto* ('voto

por televisão'), *telemóvel* ('telefone móvel'), *petrodólares* ('dólares provenientes do petróleo), *moto-serra* ('serra a motor'), *cinoclube*, *euro-cépticos*, *euromísseis*, *turbo-reactor*, *apart-hotel*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *ecuato-guineense*, *tragicómico* (tragi[co]cómico), *morfo-fonologia*. Ao contrário dos anteriores, em que o(s) segmento(s) suprimido(s) pertencia(m) ao(s) constituinte(s) da esquerda, em *morfonologia* (*mor(fo)fonologia* ou *morfo(fo)nologia*, *credifone* ('crédito para telefone') e *heliporto* ('[aero]porto para helicópteros') a supressão pode imputar-se a qualquer um dos segmentos mediais em presença.

(ii) supressão de um segmento final da base em jogo. Quando ligada ao uso de determinados recursos derivacionais com poderes truncatórios, esta modalidade supressiva caracteriza-se por um grau de paradigmaticidade bastante sensível, que os exemplos seguintes deixam entrever: *narcótico* e *narcotizar*; *protagonista* e *protagonizar*; *prioridade* e *priorizar*; *polémica* e *polemizar*; *esplendor* ou *esplêndido* e *esplender*; *maldade* e *maldoso* (*mald[ad]oso*); *bondade* e *bondoso* (*bond[ad]oso*); *habilidade* e *habilidoso* (*habild[ad]oso*); *vaidade* e *vaidoso* (*vaid[ad]oso*).

Como os exemplos apresentados permitem comprovar, os constituintes suprimidos podem ter até estatuto afixal.

Ainda que motivada ou explicável por razões diversas, a supressão de segmentos pertencentes à parte terminal do constituinte situado à esquerda da nova palavra é marcada por um elevado grau de regularidade e de previsibilidade, tanto mais acentuado quanto os segmentos suprimidos têm estatuto afixal.

(iii) *Cruzamento* ou intersecção supressiva de segmentos mediais

Fenómenos de redução têm também lugar quando ocorre a sobreposição de um ou mais segmentos mediais, fenómeno também conhecido por cruzamento ou contaminação. Neste caso há intersecção

ou supressão simultânea de segmentos mediais. Todavia, além de alguns anglicismos (*smog* (smoke+fog); *motel* (motor+hotel)), os exemplos mais representativos estão atestados no português do Brasil: *malular* ‘malufar+Lula’ (Sandmann, 1989, p. 145-52); *brasiguaio* ‘brasileiro+paraguaio’; *cantriz* ‘cantora+atriz’ (Alves, 1990, p.70).

Tal como no português do Brasil, também no português europeu muitos dos exemplos atestados correspondem a formações expressivas, lúdicas ou jocosas e porventura efémeras. Para além de *eurocratas* (‘burocratas europeus’) e de *diciopéia* (‘dicionário enciclopédico’), palavras amplamente generalizadas, ou de *franglês* (‘francês+inglês’), de *comunício* (‘comício comunista’), de *chalé* (‘café aguado, que evoca o chá’ (chá+café)) e de *nim* (‘nem não nem sim’ (não+sim)), palavras de circulação muito mais restrita, o recurso a este padrão genolexical tem sido explorado de forma relativamente esporádica, ocorrendo em produtos claramente marcados, do tipo *Monguerres* (Monteiro+Guterres), *Noguerres* (Nogueira+Guterres), *Guteira* (Guterres+Nogueira), surgidos em ambiente eleitoral, protagonizado pelos detentores dos referidos nomes.

Este processo tem igualmente sido revitalizado por Mia Couto, conhecido escritor moçambicano que, com notável originalidade e sentido estético, explora vias de produção sígnica potenciadas pelo sistema da língua (*abensonhadas* ‘abençoadas+sonhadas’).

(iv) *Abreviação* ou *encurtamento*

A *abreviação* ou *encurtamento* consiste na redução da extensão duma palavra, que assim se vê subtraída de uma parte, o mais das vezes terminal, da sua estrutura. Em resultado da abreviação, uma parte da palavra passa a ser usada pelo todo, sem que haja alteração categorial.

A abreviação tende a sofrer um impulso crescente. Atestam-no exemplos tão ilustrativos quanto *expo[sição]*, *estereo[fonía]*, *foto[grafia]*, *metro[politano]*, *pneu[mático]*, *otorrino[laringologista]*, *prof[essor]*,

psi[quiatra]. O significante que resta representa uma síntese, uma fórmula abreviada/encurtada (*emigra* [emigrante], *portuga* [português], *proleta* [proletário]) de um primitivo significado mais extenso.

(v) *Siglação*

Outro processo muito produtivo é o que consiste em representar através duma sigla seqüências lingüísticas mais extensas. A sigla pode ser constituída pelas iniciais dos constituintes do sintagma (ONU, PALOP), ou pela união de algumas sílabas (habitualmente as iniciais) do conjunto sintagmático (ANTRAL ‘associação nacional de transportadores’, CIMPOR ‘cimentos de Portugal’, UNIBANC ‘união de bancos’, UNICER ‘união de cervejas’).

A priori este processo não se define propriamente por formar novas palavras, mas por pretender reproduzir simplificada e seqüências extensas. O que acontece é que essa sigla, normalmente formada a partir dos segmentos iniciais (*radar* ‘radio detecting and ranging’; *laser* ‘light amplification by stimulated emission of radiation’; *yuppies* ‘young urban professional’), adquire por vezes o estatuto de um novo signo, passando a funcionar como entrada lexical susceptível de operar como base de novos produtos.

Não obstante implicar uma abreviação ou redução de lexemas, nem sempre a siglação tem sido linearmente incluída no conjunto dos processos substractivos ou supressivos.

Uma breve nota a respeito da *derivação regressiva*. No português europeu contemporâneo a formação de produtos regressivos caracteriza-se por grau de produtividade não comparável àquele que se regista no português do Brasil.

Envolvendo uma operação de supressão (*embarcar* → *embarque*; *abater* → *abate*; *apanhar* → *apanha*; *agravar* → *agravo*), a formação de derivados regressivos define-se como um mecanismo de formação de produtos heterocategoriais, na sua maior parte deverbais, em que os operadores flexionais da base dão lugar a um índice de gênero, indis-

pensável aos produtos entretanto gerados.

Ainda que em muitos casos os critérios de natureza sincrónica se revelem eficazes na identificação dos produtos gerados por derivação regressiva, em muitos outros a identificação dos produtos deste tipo carece de uma sólida fundamentação histórica. Trata-se de um sector genolexical em relação ao qual as fronteiras entre perspectivas diacrónica e sincrónica se tocam, de forma mais ou menos concorrencial.

Questiona-se se a *conversão*, também conhecida por derivação imprópria, pode ou não ser considerada um mecanismo de formação de palavras. Como é sabido, a conversão não envolve alteração da estrutura significativa de base, mas somente da categoria léxico-sintáctica e da estrutura semântica desta.

Com base neste argumento a conversão tem sido considerada por alguns como um processo de natureza mais sintáctica do que propriamente morfo-lexical. Em abono desta tese aduz-se o facto de na génese de alguns nomes estar um processo de elisão (*o (sector) têxtil; a (cidade) capital; o (jogador) lateral*), que abriu caminho à mudança categorial da palavra não elidida (à nominalização do adjetivo), e ainda a presença de uma marca de género no item convertido (*as (eleições) legislativas; as (indústrias) cimenteiras*) que perpetua um fenómeno de concordância só explicável à luz do apagamento entretanto ocorrido.

Em suma, no português europeu os processos mais produtivos de formação de palavras são a afixação – por sufixação, por prefixação e por circunfixação – e a composição.

2. DOS PROCESSOS ÀS REGRAS GENOLEXICAIS

Mais do que conhecer quais os processos de formação lexical que o português recorta e activa, importa conhecer o modo como eles se projectam no seu sistema de regras de produção lexical, tanto mais

que não há uma relação biunívoca entre processo e paradigma de formação de palavras: num mesmo paradigma podem concorrer vários processos morfo-lexicais.

Ora, é a partir deste momento que se colocam as questões cruciais. Como identificar cada paradigma de formação de palavras? Que metodologia usar para identificar as relações semântico-categoriais que presidem a cada regra de produção lexical?

Duma forma ou de outra, a análise dos factos lexicais parte da observação dos produtos lexicais, e começa por identificar grandes eixos de regularidade morfo-semântica. O problema está em saber como determinar se as regularidades convencionais observadas correspondem ou não às relações derivacionais sistémicas por que se define cada regra de formação de palavras (RFP) da língua.

A identificação da relação semântico-categorial que preside a cada RFP requer um cauteloso distanciamento em relação à descrição semântica e/ou à significação convencionalmente associada(s) a cada produto lexical. A diversidade semântico-referencial a que uma palavra se pode prestar e as lexicalizações de sentido que a podem afectar são responsáveis por desfasamentos, por vezes acentuados, em relação à sua estrutura morfo-semântica derivacionalmente construída. Por isso, se bem que imprescindível, a operação semântica que preside a cada RFP não substitui nem esgota a complexidade semântica do produto construído. Daí também a necessidade de delimitar os diversos níveis de significação compresentes em cada produto derivacional.

São eles: um nível de significação *sistémico*, gerado pelas operações semântico-derivacionais do sistema de formação de palavras da língua; um nível de significações *convencionais*, que podem afectar a base e/ou o afixo, e que freqüentemente são herdadas pelo produto lexical. A este nível situam-se as significações *típicas* que, não sendo sistémicas, estão normalmente associadas aos items em causa, bem como as que decorrem da *poli-referência*, das *especializações* e das *lexicalizações* que afectam os derivados. A estes acresce um nível de

significação enunciativo-pragmático, que se reflecte necessariamente na significação interna dos produtos lexicais e que, por vezes, é incorporado na estrutura semântica convencional dos itens lexicais; e um nível de significação figural, que pode afectar as bases e/ou os derivados: estas estão sujeitas a operações de semântica figural, isto é, a processos de transformação de significações literais em significações figurais, que alteram significativamente a sua estrutura semântica derivacionalmente construída.

O não-reconhecimento dos diferentes níveis de organização semântica dos produtos lexicais permite que o sistémico e o convencional não sejam devidamente demarcados e que, por exemplo, com base na simples presença de *-ão* (*aldrabão, resmungão, escaldão*) se confira ao derivado um semantismo intensivo, subestimando-se o valor agentivo pelo qual nestes casos ele se define.

Como atrás dizíamos, a análise das operações semântico-categoriais que dão corpo ao sistema de formação de palavras numa língua começa por proceder ao levantamento das regularidades derivacionais constatáveis entre produtos e respectivos constituintes.

Mas as regularidades e as semi-regularidades encontradas não correspondem necessariamente às regularidades profundas e sistémicas que consubstanciam o conjunto de regras de formação de palavras numa língua. Por exemplo, as paráfrases de posse [“que tem/possui NB”] associadas a muitos adjectivos em *-os-* (*brioso; consciencioso; nervoso; rugoso; ventoso*) ou em *-ud-* (*cabeçudo; orelhudo; peludo; sortudo*) não correspondem a uma relação semântica sistémica, porque:

- a significação de posse não está sistematicamente associada a estes sufixos: nem todos os adjectivos em *-os-* ou em *-ud-* significam posse; muitos significam semelhança [“que tem semelhanças com Nb; que evoca Nb”] (*cabelo sedoso* “que tem sedas”, “que evoca a seda, que possui algumas propriedades da seda”; *repolhudo*)
- outros sufixos que formam adjectivos denominais também significam posse (*aromático; barbado; barrento; febril; metódi-*

co) ou semelhança (*crystalino; dantesco; senhoril; solarengo*).

Analisando o paradigma derivacional em que operam estes sufixos, verificamos que as significações de posse, de similitude, de proveniência, de tipicidade são variantes da significação genérica construída derivacionalmente, e que é parafraseável por “relativo a Nb”, “em relação com Nb” (*artesanal, cervejeiro*). Essas significações mais específicas e convencionais são condicionadas pela estrutura semântica da base e/ou do afixo e são muitas vezes orientadas pelo N nuclear com que o adjectivo está relacionado.

Assim, a RFP REL constrói adjectivos denominais relacionais genericamente parafraseáveis por “relativo a Nb”, “em relação com Nb” (*artesanal; cervejeiro; comercial; diário; hoteleiro; parlamentar; solar*).

Esta significação genérica admite diversas variantes, determinadas pela semântica da base e/ou do afixo. São exemplo dessas variantes: a de *posse* (“que tem/possui Nb”: *aromático; barbado; barrento; brioso; febril; maníaco; metódico; sortudo*); a de *procedência* (“que é originário/proveniente de Nb”: *algarvio; beirão; brasileiro; chileno; europeu; francês; israelita; judaico; lisboeta; londrino; minhoto; peruano; portuense*), que caracteriza os adjectivos étnicos; a de *semelhança* ou de *similitude* (“que tem semelhanças com Nb; que evoca Nb, que tem x propriedades de Nb”: *rosado; crystalino; dantesco; senhoril; solarengo; simiesco*); a de *tipicidade* (“que é típico, próprio, característico de Nb”: *fradesco; partidário; policial*); a de *pertença* ou de *inclusão* (“que pertence a Nb”: *autárquico; familiar; governamental; intestinal; oceânico*); a de *filiação* (“que é adepto, simpatizante, partidário de Nb”: *budista; cartista; ecologista; monárquico; portista; republicano*); a de *causa* (“que causa, provoca Nb”: *barulhento; enfadonho; medonho; terrorista*).

Por conseguinte, nem todas as regularidades semânticas são sistémicas, não representando portanto necessariamente as relações semântico-derivacionais estruturantes duma RFP; por isso há que evitar que as relações semânticas de natureza convencional sejam indevidamente encaradas como sistémicas.

Por isso também a presença dum determinado tipo de semantismo, ainda que estruturante dum dada RFP, não é critério suficiente para a caracterização dum produto derivacional. A significação agentiva presente em *desenhista, farrista, desenhador e farrante* não pode ocultar o facto de os dois primeiros serem primitivos adjectivos relacionais e os dois últimos serem agentivos deverbais e, por isso, só nestes o valor agentivo ser definitório.

Impõe-se, portanto, o estabelecimento de diferentes graus de sistematicidade e/ou de regularidade e o reconhecimento dos diferentes tipos de padrões compositionais em jogo.

Determinar o conjunto de paradigmas de formação de palavras dum língua implica ser capaz de abstrair das regularidades derivacionais observáveis as relações derivacionais sistémicas que consubstanciam as regras de formação de palavras dessa língua. É o que procuraremos pôr em prática na seção seguinte.

3. REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Postula-se que cada regra de formação de palavras (RFP) se define por uma relação semântico-categorial unitária, mas não necessariamente unicategorial. No âmbito de cada RFP podem actuar diversas operações morfo-semânticas, designadamente a prefixação e a sufixação e a derivação regressiva. Ao serviço de cada regra podem estar diferentes operadores afixais.

Distinguiremos as regras de formação de palavras que dão origem a produtos isocategoriais das que geram produtos heterocategoriais. A distinção entre estes dois grupos assenta na ausência e na presença de alteração categorial entre base e derivado.

Enunciam-se de seguida algumas das RFP do português:

1. *RFP AG*, que dá origem a agentivos deverbais parafraseáveis

por “que V” (*ajudante; cobrador; compensador; desenhador; fabricante; ouvinte; servente; traficante*), alguns dos quais, uma vez nominalizados, designam instrumentais parafraseáveis por “aquilo com que se V”; “instrumento com que (se) V” (*aspirador; esfregão; gerador; picão; picareta*). São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-or* (*operador*), *-nte* (*comerciante*), *-ão* (*aldrabão; refilão*).

2. *RFP ACT*, que dá origem a “nomina actionis” deverbais, parafraseáveis por “o facto de V”, mais precisamente, “acção, processo, estado (decorrente) de V”. “Actionis” recobre, assim, a manifestação ou a ocorrência de V, qualquer que seja a natureza semântica de V. São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-mento* (*acolhimento; entendimento; ferimento*), *-ção* (*atrapalhação; elaboração; fundição; indignação; medição*), *-agem* (*contagem; lavagem*), *-ão* (*tropeção*), *-aria* (*zombaria*), *-nça* (*vingança*).

3. *RFP REL*, que forma adjectivos relacionais genericamente parafraseáveis por “em relação com Nb”, “relativo a Nb” (*ambiental; cerebral; dental; diário; empresarial; energético; florestal; granítico; invernos; livresco; muscular; oceânico; ordeiro; ornamental; outonal; parasitário; primavera; terrestre*).

Em função da estrutura semântica da base e/ou do afixo, o conteúdo genérico da *RFP REL* admite diversas variantes que individualizam os chamados adjectivos étnicos (*RFP REL. ÉTNICA*: “que provém de Nb”), de posse (*RFP REL. POSS*: “que possui/tem Nb”), de semelhança ou de similitude (*RFP REL. SIMIL*: “que evoca, que tem x propriedades de Nb”), de pertença ou de inclusão (*RFP REL. PERT*: “que pertence a Nb”), de tipicidade (*RFP REL. TIPIC*: “que é típico, próprio, ou característico de Nb”). Mais propriamente, estes adjectivos têm por função estabelecer ou agenciar relações de tipo analógico, inclusivo ou possessivo entre Nb e o Nn (nome nuclear) que eles determinam. São muito numerosos os sufixos ao serviço desta regra. Deles se destacam: *-ad-* (*frustado; salmonado*); *-al* (*comercial*); *-an* (*republicano*); *-ão* (*beirão, gargantão, trintão*); *-ar* (*familiar; -ári-* (*centenário*); *-eir-* (*hoteleiro*); *-ej-* (*castrejo*); *-eng-* (*solarengo*); *-enh-* (*nortenho*); *-en-* (*terreno*);

-ense (setubalense); -ent- (barrento); -ês (montenhês); -esc- (gigantesco); -estre (campestre); -et- (lisboeta); -éu (ilhéu); -ic- (granítico); -il (primaveril); -in- (cristalino); -ista (clubista); -onh- (risonho); -os- (gelatinoso); -ot- (minhoto); -ud- (abelhudo, barbudo, repolhudo).

4. *RFP MUDANÇA*, que produz verbos denominais e deadjectivais de mudança de estado, parafraseáveis por “transformar em/tornar(-se) Xb”(adulterar; amadurecer; amenizar; apalaçar; clarear; clarificar; deificar; dignificar; endeusar; entardecer; entristecer; escurecer; esvaziar; facilitar; fragilizar; fraquejar), “afectar Xb”, “prover de Xb”(açucarar; arborizar; encerar; favorecer; vacinar), “causar Xb”(agonizar; aterrorizar; danificar; enraivecer; esfomear; ruborescer). Se se considerar a transferência locativa como uma manifestação de [ou como implicando] mudança de estado, então também verbos do tipo *aportar, aprisionar, armazenar, aterrar* e *encaixotar* podem ser incluídos no âmbito desta regra. Ao serviço desta regra estão os sufixos *-a-*, *-e-*, *-ec-*, *-ej-*, *-esc-*, *-iz-*, *-ific-*, e os circunfixos enumerados na primeira parte deste trabalho.

5. *RFP ESSIV*, que produz essivos ou “nomina essendi” depreciativos parafraseáveis por “o facto de ser *p*” (*amabilidade; calma; calvície; certeza; frescura; imundície; inteligência; lealdade; lentidão; quietude; sofreguidão; solidez; subtileza*), em que *p* representa a propriedade de base (*p*) a ser nominalizada, em alguma(s) das suas dimensões. São sufixos desta regra: *-aria (calmaria)*, *-(i)dade (atlanticidade)*; *-eira (cegueira)*; *-ncia (elegância)*; *-eza (delicadeza)*; *-ez (timidez)*; *-ia (alegria)*; *-ice (doidice; velhice)*; *-ície (calvície)*; *-(i)dão (vermelhidão)*; *-itude (quietude)*; *-or (amargor)*; *-ume (azedume)*; *-ura (desenvoltura)*.

6. *RFP MODAL*, que produz adjectivos deverbais de modalização², freqüentemente parafraseáveis por “que se pode/deve V”, “que pode/deve ser V-do”, “passível de ser V-do”, “que merece ser V-do” (*adorável; audível; evitável; louvável; operável; solúvel*). O sufixo que opera no âmbito desta regra é *-vel*.

² Agradeço à Maria Helena de Moura Neves esta sugestão interpretativa.

7. *RFP QUANT*, que produz “nomina quantitatis”, parafraseáveis por “conjunto de Nb”, “(grande) quantidade de Nb” (*berreiro; casario; folhagem; papelada; passaredo; pedraria; penugem; vasilhame*). Como operadores desta regra destacam-se os sufixos *-ada* (*passarada*); *-agem* (*folhagem*); *-ame* (*vasilhame*); *-ari-* (*casario*); *-ári-* (*preçário*); *-edo* (*passaredo*); *-eir-* (*berreiro*); *-ugem* (*penugem*).

8. *RFP EVENT*, que produz “nomes de evento”, genericamente parafraseáveis por “evento relacionado com Nb” e, mais especificamente, “evento localizado no tempo” (*abrilada; entrudada*), “evento localizado no espaço” (*belenzada*), “evento praticado com Nb” e, mais convencionalmente, “golpe praticado com Nb” (*cacetada; canelada; paulada*), em que Nb designa um instrumento (ou algo que pode desempenhar as mesmas funções) com que se desfere um golpe e/ou que é dele objecto (*canelada*).

9. *RFP AVAL*. Esta regra, geradora de produtos isocategoriais, opera sobre diversos tipos de bases (N, A, V), e admite numerosas variantes, cada uma das quais corresponde a um dado grau de avaliação.

A avaliação consiste na ponderação do grau de presença, manifestação, intensidade ou de plenitude da(s) propriedade(s) da base (Xb) que são objecto de avaliação. A avaliação pode ser de natureza quantitativa e/ou qualificativa, sendo Xd genericamente parafraseável por “Xb avaliado quantitativa e/ou qualificativamente”. O resultado da avaliação traduz-se, assim, pela expressão da alta/maior ou da baixa/menor quantidade e/ou qualidade de *p*, em que *p* representa a propriedade avaliada, ou a própria base, quando esta se define por *p*.

Dos diversos níveis de avaliação afixalmente expressos destacam-se:

- excessivo, de presença/manifestação de *p* em grau excessivo, excepcional;
- o superlativo, de presença/manifestação de *p* em grau superlativo, máximo;
- o aumentativo-intensivo, de presença/manifestação de *p* em grau de intensidade muito ou bastante elevada;

- o diminutivo-atenuativo, de presença/manifestação de *p* em grau atenuado, mitigado.

Em função da natureza de *Xb*, assim o derivado é parafraseável por “*Nb* de pequenas/grandes dimensões”, “*Nb* em grau de qualidade máxima/elevada/mínima, superior/elevada/inferior”, “muito/bastante/um pouco *Ab*”, “*Vb* em grau de intensidade reduzido e/ou de forma iterativa e/ou de forma menos perfeita”.

No âmbito desta regra actuam diversos operadores afixais, de tipo prefixal e sobretudo de tipo sufixal. Salvaguardadas as naturais flutuações que caracterizam o valor das entidades lingüísticas, cada operador afixal situa-se numa zona de avaliação relativamente bem delimitada, configurando-se assim uma distribuição de tipo complementar e/ou de afinidade familiar entre os diversos afixos avaliativos.

Os numerosos afixos ao serviço desta regra distribuem-se do seguinte modo pelas diferentes zonas de avaliação:

- diminutivo-atenuativa: *-inh-*; *-it-*; *-et-*; *-ec-*; *-iç-*; *-im-*; *-at-*; *-in-*; *-ej-*; *-uch-*; *-ach-*; *-el-*; *-ol-*; *mini-*.
- aumentativo-intensiva: *-ão*; *-aç-*; *-arr-*; *-orr-*; *-ázi-*; *-uç-*; *mega-*; *macro-*; *super-*.
- superlativo: *-im-*, nas variantes *-íssim-*, *-ílim-* e *-érrim-*.
- excessivo: *extra-*; *hiper-*; *sobre-*; *super-*; *supra-*; *ultra-*.

Dado o grande número de operadores afixais ao serviço desta regra, a especificidade de cada um assenta não só no grau de avaliação que eles explicitam, mas também no facto de cada um ser tendencialmente mais propenso à expressão de uma avaliação qualitativa e/ou quantitativa; acresce que das propriedades idiossincráticas de alguns sufixos fazem parte algumas das particularidades que convencionalmente definem o seu uso pragmático.

São produtos que expressam a ocorrência de *p* em grau mais baixo que em *Xb*:

- os nomes: *aranhiço*; *barbicha*; *casaquito*; *farolim*; *ilhéu*; *ilhota*;

livrinho; lugarejo; papelucho; rapazito; riacho; ruela; sacola; sacudidela; saleta; mini-mercado.

– os adjectivos: *doentinho; doentito; grandinho; grandito; magrizela.*

– os verbos: *saltitar; chuveiscar; cuspinhar*³

Expressam a ocorrência de *p* em grau elevado/intenso:

– os nomes: *barça; bocarra; cabeçorra; casacão; dentuça; homenzarrão; moscardo; mulheraça; pacotão; pratalhão; solzão; solzaço; vozeirão; mega-concerto; super-espectáculo.*

– os adjectivos: *altíssimo, humílimo; paupérrimo.*

São produtos que expressam a ocorrência de *p* em grau excepcional/excessivo:

– os adjectivos: *arquimilionário; extrafino; hipersensível; sobrevalorizado; super-alimentado; supradotado; ultrabarato.*

10. A estas acrescem as RFP que operam fundamentalmente com recursos *prefixais*, e de que se salientam, ainda numa formulação pouco rigorosa:

– RFP POSICIONAMENTO (ou de LOCALIZAÇÃO) ESPACIO-TEMPORAL⁴, isto é, de expressão da temporalidade (*ante-, pre-, post-*) e da espacialidade nas suas diferentes modalidades (*anfi-, ante-, circum-, dia-, entre-, epi-, exo-, extra-, hipo-, infra-, inter-, intra-, peri-, pro-, sobre-, sub-, trans-*);

– RFP NEG, de expressão da negação (*in-*);

³ Quando a base é um verbo, Vd define-se como “V (praticar, exercer, executar a acção designada por V) em grau de intensidade reduzido e/ou de forma iterativa e/ou menos perfeita”.

⁴ Para uma delimitação da RFP de LOCALIZAÇÃO, à luz do quadro aqui traçado, veja-se a tese de Doutoramento de Catarina Vaz Rodrigues, a concluir em 1998 (UNESP, Campus de Araraquara)

⁵ Em complemento à dissertação de Margarita Correia (*A formação dos adjectivos em anti-em português*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa,

- RFP PRIV, de manifestação de privação (*a(n)-*);
- RFP OPOS, de expressão da oposição (*anti-, contra-*)⁵.

Os paradigmas identificados não só não cobrem todo o sistema derivacional do português, como também carecem dum estudo mais acurado, intra- e interparadigmático.

Como em outros trabalhos temos tido ocasião de evidenciar (Rio-Torto, 1993, 1994 b, 1996) a coerência interna do quadro delimitado não só não exclui interferências entre os paradigmas identificados, e entre estes e os seus produtos, como até os incorpora, ao mesmo tempo que não colide com aquilo que se conhece acerca da evolução do sistema derivacional do português.

Todavia, a análise do sistema genolexical do português não se esgota na identificação das coordenadas semântico-categoriais por que se define cada regra de formação de palavras e no reconhecimento das modalidades que assume a interacção entre processos e paradigmas. O estudo das relações entre as regras de formação de palavras e os seus produtos, mormente quando discursivamente inscritos, não deixará por certo de aduzir novas perspectivas sobre a identidade e o funcionamento dos mecanismos genolexicais.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, I. M. (1990) *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo, Ática.
- ANDERSON, S. R. (1985) Typological distinctions in word formation. In SHOPEN, T. (ed.), *Language typology and syntactic description*. vol. III (*Grammatical categories and the lexicon*). Cambridge, London, New York, Cambridge University Press, p. 3-56.
- BASÍLIO, M. (1979) *Estruturas lexicais do português – uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Vozes.
- _____ (1987) *Teoria lexical*. São Paulo, Ática.
- CORBIN, D. (1987) *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Thèse de Doctorat d'État présentée à Paris VIII. 2 vols. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- KEHDI, V. (1992) *Formação de palavras em português*. São Paulo, Ática.

1992), encontram-se em preparação outras teses de mestrado sobre a expressão prefixal da negação, igualmente inspiradas no quadro aqui traçado.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Operações e paradigmas genolexicais do português*.

PENA, J. (1991) La palabra: estructura y procesos morfológicos. *Verba*, 18, p. 69-128.

RIO-TORTO, G. M. (1993) *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Tese de Doutoramento em Linguística. Universidade de Coimbra. Coimbra, 977 p. +I-VI.

_____ (1994 a) Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? *Actas do IX encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 29-31 de outubro de 1993). Lisboa, Colibri, p. 351-62.

_____ (1994 b) Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral. *Diacrítica*, 9, p. 319-42.

_____ (1996) Processos e paradigmas de formação de palavras em português. *Actas do congresso internacional sobre o português*. (Lisboa, 11-15 de abril de 1994). Lisboa, Edições Colibri & A.P.L., vol. III, p. 275-91.

SANDMANN, A. J. (1989). *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor (editora da UFPR) e Editora Ícone.

_____ (1991) *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná.

ABSTRACT: Based on the distinctions between genolexical processes and word formation rules we characterize the mains genolexical processes Portuguese language activates, and we identify and describe some of the most relevant word formation rules of the european Portuguese language.

Keywords: word-formation, lexicon, lexicology, morphology, european Portuguese language, Portuguese word-formation, Portuguese linguistics.